

Dez adolescentes, um por dia, falam da escola, dos amigos, da relação com os pais e das coisas de que mais gostam – os videogames, o surf, a música, as festas. E também dos seus quartos. E do significado que esse local tem para eles. Gonçalo Ferreira tem 17 anos, consome toda a cultura que pode e quer fazer teatro

## Adolescentes (5) Ana Cristina Pereira

Quem o vê, todo encolhido, sobre o tapete, entre a cama e os livros, não o imagina a falar sobre liberdade, mas é nisso que fala primeiro. “Nunca tinha querido ser actor. Queria ser mais livre.”

Está calor. Gonçalo Ferreira acabou de defender a prova de aptidão profissional e ainda tem o debate inteiro na cabeça. “Não sei exactamente por que fui [estudar interpretação na Academia Contemporânea do Espectáculo], mas agora percebo que não podia ter ido para outra coisa. Permitiu-me arranjar ferramentas que me ajudam a compreender-me, a compreender o mundo, a compreender a minha relação com [ele]. E que me dão inúmeras possibilidades de poder ser no futuro.”

Quando era pequeno, gostava muito de fazer números para os avós. Punha-se a dançar, a imitar cantores, personagens que ia vendo na televisão. Há um vídeo de família algures neste apartamento, em cuja varanda antes se espreitavam jogos do Futebol Clube do Porto no Estádio das Antas e agora o olhar se perde num terreno descuidado e nalguns prédios descasados.

Estava perdido num labirinto de possibilidades. Falaram-lhe naquele curso, que dá equivalência ao 12.º ano. “Andamos sem equilíbrio, quase. Assumimos papéis. Contigo sou uma coisa, com outra pessoa sou outra coisa. Na academia, essa fragmentação passou a fazer sentido. Agora, consigo encontrar uma unidade.”

Na parede, por cima da escrivaninha, há um verso de Álvaro de Campos: “Sentir tudo de todas as maneiras.” Ele identifica-se com esse poema, que prossegue assim: “Quanto mais personalidade eu tiver, /Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver, /Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas, /Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento, / Estiver, sentir, viver, for, /Mais pos-

suirei a existência total do universo, /Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.”

Vê-se como alguém capaz de sentir tudo. E vê-se como alguém que se deixa abater pelo cansaço e que fica tristíssimo. Talvez ser adolescente seja isso. Talvez essa inconstância seja, afinal, constância.

Os pais nunca se esquecem de que ele só tem 17 anos. Impõe-lhe regras e horários. Não dormem se não estiver dentro de casa, de preferência no quarto que divide com a irmã, de 11. “Aceitam que saia de vez em quando, mas ficam demasiado tensos ou preocupados e pensam que sou egoísta por chegar à 1h.”

Adora os pais – secretária, ela, trabalhador por conta própria no ramo do mobiliário, ele. Está convencido de que tudo fazem para o ver feliz, e talvez o gosto pelas histórias lhe venha dela, da mãe. Até as fantásticas aventuras de Harry Potter, escritas pela britânica J. K. Rowling, lia por ele. “Ela lia os livros e contava-me as histórias e eu ia ver os filmes. Chegou a uma altura que eu disse: ‘Não! Eu tenho de ler!’ E li os livros todos de uma vez.”

### Não lhe chamem hipster

Talvez nenhum livro lhe agrade tanto como *Memorial do Convento*, de José Saramago. “É mesmo o livro que mais me diz, que mais me toca.” Delicia-se com a dimensão social e política que a obra encerra, com o modo como o divino entra no quotidiano das personagens, com a sensibilidade, a beleza de tudo aquilo: Blimunda Sete-Luas, Baltazar Sete-Sóis. Haverá algo maior do que o desejo de viver um amor que não cede aos cansaços do tempo? “Ela ver a vontade de Baltazar e a dizer: vem. É muito bonito. É cheio. Não sei. Eu gosto muito.”

Há muitos livros nesta metade de quarto – a fronteira com a metade destinada à irmã marca-se com um biombo, ao qual tantas vezes se encosta, de livro na mão. Lia apenas literatura juvenil antes de entrar na academia. Foi por influência de professores e colegas que começou a ler

literatura sem mais. E não vale procurar uma unidade nos títulos sobrepostos que não a que Gonçalo resume numa frase: “Gosto de livros que me fazem pensar tocando-me.”

Também gosta de música. Gosta de vozes fortes, como Amália Rodrigues, Edith Piaf, Jacques Brel. E gosta de teatro, de cinema, de artes plásticas. Vê tudo o que pode. “Vou mais ao teatro. Ao cinema vou menos do que aos museus. Gosto de museus. O cinema é caro. Quando não tenho dinheiro, não vou. Fico a ler ou a ver um filme em casa.”

Nas paredes, imagens, artesanato, texto. E frases escritas a caneta, com uma letra muito direitinha. “Tendo a memória um impacto tão grande na minha vida, o que está nas paredes tem que ver com isso. Tenho uma necessidade grande de me agarrar às memórias, de não as deixar ir, de as querer comigo.”

Não lhe chamem *hipster* (subcultura que tende a marcar a diferença através do vestuário *vintage*, as combinações cromáticas controversas, a aversão à cultura mais comercial), que ele não gosta. Diz logo que não lê para citar. Nem se veste de modo diferente para afirmar a sua diferença. Fá-lo pelo apego às memórias – gosta de usar roupas e calçado dos pais e dos avós – e pela sensação de que é só um miúdo, um miúdo demasiado pequeno para as roupas que usa.

Entre os tesouros guardados no quarto, duas bonecas. Uma está nova: “É muito parecida com a minha melhor amiga – loura, cabelo supercomprido, olhos verdes gigantes. Tenho-a pela piada. É como se ela estivesse sempre aqui.” A outra é antiga. A mãe deu-lha às escondidas, era ele pequenino. “A boneca parecia uma pessoa. Tinha a boneca e o Action Man. Baltazar isso tenha feito de mim um rapaz mais sensível. Na idade da minha irmã, lia Sophia de Mello Breyner Andresen.”

Às vezes, há briga neste lugar de intimidade limitada pela partilha. “É o típico conflito de irmãos.” Uma protesta: “Se o Gonçalo faz, por que não posso fazer?!” O outro protesta:



Gonçalo divide o quarto com a irmã de 11 anos. A fronteira é traçada por

# 25,4%

dos adolescentes vêm quatro ou mais horas de televisão por dia

# 60,7%

vêm entre uma hora e três horas de TV por dia

Fonte: Health Behaviour in School-Aged Children/Portugal, OMS

“Ah! Quando tinha a idade dela não me deixavas fazer isto!”

São muito diferentes, ao que diz Gonçalo. “A minha irmã vê muita televisão. Passa muito tempo no computador. Eu sinto que alguém devia ir lá desligar o televisor e dizer: ‘Já chega! Há outras coisas na vida. Olha o sol, que bonito!’ Irrita-me profundamente, nas festas de anos, vê-los sentados a ver um filme ou a tirar fotografias com a *webcam*. A sério! A sério! Depois percebo que também tive essa fase. Mas acho que tenho personalidade, duvido, questiono, e que ela não.”

Não, não sabia o que fazer da vida naquela idade. Agora sabe – ou acha que sabe. Na academia, descobriu o gosto pela *performance*, pelo teatro. “Saio com vontade de marcar o meu território, de afirmar as minhas ideias, os meus ideais. Interessa-me fazer um teatro que parta de mim e de colegas meus, do nosso viver,

## “O espaço de consumo é, sobretudo, um espaço da construção das comunidades de gosto”

**Claudino Ferreira**  
professor



### Publicidade influencia menos do que recomendações dos amigos

O que dizem os estudos e os especialistas sobre temas que marcam a adolescência? Hoje fala-se de consumos culturais

A oferta cultural é heterogênea. Aquilo de que usufruem os adolescentes está muito associado ao convívio. “O espaço de consumo é, sobretudo, um espaço da construção das comunidades de gosto”, diz Claudino Ferreira, professor auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Ao longo das últimas décadas, por todo o país, aumentou o consumo de bens culturais e recreativos. A idade, o género e o orçamento disponível condicionam os hábitos de cada um. Na adolescência, o acesso à cultura é também muito determinado pelo que está mais próximo. “A publicidade é menos influente do que as recomendações dos amigos”, explica o investigador do Centro de Estudos Sociais, dedicado às práticas e políticas culturais.

A música marca a passagem da infância para a adolescência. As crianças tendem a ouvir pouca música, os adolescentes muita. E a identidade que se forma não tem só que ver com o que cada um ouve, mas também com o que vem com isso — a indumentária, a atitude, a forma de estar no mundo.

Nos anos 1980, elucida o sociólogo Pedro Quintela, “a dificuldade de acesso gerava uma ligação mais forte e mais duradoura”. A indústria discográfica decidia o que era editado; e rádios, televisões, revistas e jornais o que chegava ao grande público. Havia toda uma espera. “O consumo era mais dilatado. Na era da Internet, os ciclos são muito curtos. E isso tem grande impacto nas culturas juvenis.”

Não existe, explica a socióloga Paula Guerra, grandes condições para fortes vinculações. Reina a “fast music”, traduzível por música rápida. Quer isto dizer que vai faltando tempo para a “idolatração comum na

adolescência”, que tende a invadir as paredes dos quartos. Reveladora parece-lhe ser “a reacção das gerações mais jovens a determinados *hypes*”.

*Hype* deriva de hipérbole, significa promoção desmedida — de uma pessoa, de uma banda, de um estilo qualquer. De repente, exemplifica Pedro Quintela, da consultora Quaternaire Portugal, há uma série de sítios na Internet a falar na mesma coisa. “Em seis meses, pode haver um *boom*. O estilo seca. Tem necessidade de se renovar, porque deixou de ser *underground* ou fresco.”

Os dois investigadores, que fazem parte do projecto *Keep it simple, make it fast! Prolegómenos e cenas punk, um caminho para a contemporaneidade portuguesa (1977-2012)*, identificam a mesma tendência para uma relação supérflua com a música. Hoje, um adolescente ouve um estilo, veste-se de uma maneira. Daqui a uns meses, ouve outro estilo, veste-se de outra maneira. A velocidade com que tudo pode mudar ajuda as famílias a aceitarem os estilos mais extravagantes. “Há 30 anos, era complicado aparecer com um moicano, com alfinetes”, torna Paula Guerra.

“Hoje, [um estilo destes] já não gera uma reacção tão grande, já é normal ser diferente.”

Não foi só o mundo que se tornou mais diverso. As relações familiares também se alteraram, aponta Luís Fernandes, professor auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Tornaram-se menos hierarquizadas, mais igualitárias.

O tempo da velocidade é também, de certo modo, o da desmaterialização. Ao estudá-lo, Paula Guerra percebe uma espécie de resistência. Assiste-se “a um regresso ritual do objecto físico” — do vinil, da casete, do cartucho. Encontrou até indícios, num grupo muito restrito, de “desaceleração do consumo de música”.

“Há sempre uma visão nostálgica”, corrobora Luís Fernandes. E isso, diz Pedro Quintela, nota-se de várias formas. Um exemplo: até ao início de 2000, havia muitas fanzines editadas em suporte de papel; a partir dessa data, apareceram as e-fanzine. Desde 2009, ressurge o papel. Quando tudo parece escorrer entre os dedos, as pessoas querem “algo que seja único, que possam agarrar”.

**Ana Cristina Pereira**



um biombo. Do seu lado, abudam os livros

da nossa experiência. Sinto que a geração dos meus professores faz um teatro que já não cumpre as necessidades da minha geração. Toca em coisas completamente universais, mas falta qualquer coisa que é muito de agora.” O quê? “É uma subtilidade.”

Muitos, na idade dele, estão a tentar entrar no ensino superior. Ele não. Pelo menos por enquanto, não vai por aí. Não fala em ser um rosto conhecido, fala em ter lugar. “Interessa-me ter lugar, ter oportunidade de fazer. Não é fácil começar a fazer teatro aos 17, 18, 19, 20 anos. Temos de ter alguém mais velho a dirigir. Se eu disser ao António Capelo [actor, encenador e director da ACE] que quero fazer teatro sozinho, com os meus amigos, ele vai dizer-me: ‘Estás todo tolo?!’ Vou errar muito, eu sei, mas sinto que tem de ser. Para chegar a algum lado, tem de ser.” Chegar a algum lado nessa busca por

uma forma de expressão própria.

O estado da nação assusta-o, apesar desta vontade de desbravar. “Isto está mesmo mal. Recebi uma proposta para um festival em Lisboa. Pagavam-me as despesas. Fui investigar. Era um festival apoiado por partidos políticos. Não vou. Não me interessa. Não quero mostrar o meu trabalho com bandeirinhas atrás. Alguns colegas meus vão. Dizem que temos de mostrar trabalho. Tenho outros que vão a outro sítio e que não vão ser pagos. A cultura é paga. Nós também precisamos de viver. Não podemos trabalhar só para mostrar trabalho. Não nos podemos deixar levar pelos abusos.” Tem esperança, apesar de tudo. E esperança é combustível. “Acho que, se as pessoas forem autênticas, se se afirmarem, se forem fiéis aos valores que defendem, ainda por cima neste momento particular, as coisas podem mudar de direcção.”

